

O ESPOZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet. — José da Silva Vieira. — Redactor no Brazil: A. Ciras. — Editor — José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão. — Typ. Espozendense — Espozende

Assinatura: Anno, sem estampilha 10\$00 esc. — Com estampilha e para fóra 12\$00 e c — Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs. — Colonias Portuguezas, 25\$000 rs. — Numero atrasado 1\$00 — Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha 1\$00 cent., — Anuncios particulares: linha \$70 Comun. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c. — Reclames e obras literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

* * DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA * *

Avelino dos Santos e a sua conferência

O NOSSO PORTO DE ABRIGO

Ninguem talvez ignore, pelo menos todos os que têm por habito ler jornais, a conferência feita na Povoia de Varzim pelo professor e jornalista sr. Avelino dos Santos. Li-a com interesse, porque na verdade assim o merecia, tantas verdades dizia, tantas opiniões boas lançava aos seus ouvintes.

Mas o que em mim suscitou estas linhas, já tam velhas são nesta materia de que há muito venho tratando, não foi a conferência propriamente dita, porque isso seria labor fatigante e desnecessario, especialmente se tivermos em conta que Avelino dos Santos, é já vulto de valor. Das inumeras afirmações que fez esse brilhante conferente, uma dentre elas houve que não pode passar sem o meu reparo, isto é sem a reprobção de todos os espozendenses de caracter, de fé e de boa vontade, ao bem e progresso da nossa terra. E assim, depois de muitas afirmações, já quasi a terminar, diz Avelino dos Santos: «Os pioneiros hão-de, sempre, abençoar, pelos tempos fóra, a clarividente politica, que vai permitir, num futuro muito próximo, a construção do seu porto de abrigo—sagrada aspiração de muitas gerações, que se justifica—com argumentos tão fortes como as ondas, e tão numerosos, como as areias do mar». Transcrita a passagem que devéras me impressionou, façamos alguns comentários a esta seqüência de palavras luxuosas, que por certo muito bem haviam de ter arranjado guarida nos poveiros, nossos visinhos. *Sagrada aspiração de muitas gerações, que se justifica.* Sagrada aspiração lhe chamou o sr. Avelino dos Santos, mas estou certo que se enganou. *De muitas gerações* não esqueceu de frizar o conferente. Não me parece que uma aspiração seja sagrada, quando ela não é forte e resistente, pondo-se e sobrepondo-se acima de tudo, o que não acontece com o porto de abrigo da Povoia de Varzim. Já também o dr. Pereira da Rosa, num editorial do «Século» se referia a tal porto de abrigo, em termos espavorosos e nada concretos, porque valha a verdade, não correspondiam á realidade.

Não considere o sr. Avelino dos Santos *aspiração sagrada* a da Povoia, porque não a é. E não a é porque nao vemos sequer indicio de porto natural e portanto *tudo quanto ali agora se fizer, será novo* e nessa circunstancia outros, mas outros portos de abrigo naturais, deixarão de ser olhadós com carinhão, como acontece com o nosso, com o de Espozende, sr. Avelino dos Santos, por onde desagua o rio Cávado, bem conhecido em Portugal e ensinado desde logo ás criancinhas da escola primária. Qual o rio da Povoia de Varzim ou que lá desague?

Onde se encontra a loz? Tudo ignoramos por isso não haver! Que interessa sr. Avelino dos Santos que essa aspiração seja de *muitas gerações*? Talvez muito mais velha seja a nossa, mas com uma diferença, bem nitida; a nossa é mais que *legitima* e a da Povoia de Varzim é também mais do que *ilegitima*. E a seguir, não se esquece o conferente de dizer, que se *justifica com argumentos tão fortes como as ondas, e tam numerosos como as areias do mar.* Não. Cada vez o sr. Avelino dos Santos se engana mais. Não vejo quais sejam esses argumentos e estou bem convencido que nem mesmo o sr. Avelino dos Santos os viu, não passando essa afirmação de um conjunto de palavras ocas, que de positivo só têm e deixarem, o rasto de palavras empoladas.

Haverá, por ventura, terra que possua um porto de abrigo que albergue melhores condições do que a nossa? Ao nosso porto a que com propriedade podemos chamar de abrigo, porque para isso se presta, não lhe faltam argumentos e todos fortes, cimentados na dura rocha que é a *verdade*. Ao nosso porto de abrigo, não faltam as melhores condições exigidas pelos grandes nauticos. Mas sr. Avelino dos Santos, o que falta ao nosso porto de abrigo, é a homogeneidade de petição, petição perante os que superiormente nos dirigem e muito bem. Faltam os homens e não os argumentos, as vontades e não as condições de poder ser um *optimo* porto. Fique, sr. Avelino dos Santos ciente desta grande verdade e senão procure conhecer o porto de Espozende se já não o conhece, e estou que termine há de dar razão, porque não é preciso que estejemos integrados na *politica das rialidades*, para mais esta conhecermos, que bem compreendida seria o bastante para fomentar o comércio e a industria do distrito de Braga, e livrar da miséria milhares e milhares de desgraçados que nela se arrastam, sabemos lá até quando!...

Esposende—1935.

D. G.

AO VENTO

Beija a areia da praia
A onda vinda do mar,
Beija as águas do rio
A luz branca do luar.

Toda a Naturêza é luz,
E' a luz dada por Deus,
Pois, a luz, que a mim me guia
E' a luz dos olhos teus.

A sua luz mostra-me sempre
O caminho d'harmônia—
Como são por mim queridos
—Esses teus olhos—Maria—

Janeiro—1935.

B. R.

NUM RECANTO

—DE—
ESPOZENDE

Com a ridente aurora de 1935 regressou de Lisboa á sua casa-torre a excelsa senhora D. Anastacia, nossa illustre conterranea.

Desde o principio do outono que estava na Lisboa amada onde foi no intento de por termo aos desvarios do irmão, convencendo-o a voltar á administração das suas propriedades.

Demorou-se mais do que contava. Custou-lhe a arrancar o estroina ás distrações da sedutora capital, onde usufruia uma vida de luxo e de dissipação, preludio certo da ruína da saúde e da perda rapida da fortuna.

A D. Anastacia, espirito culto e perseverante, não desanimou ás primeiras recusas nem as razões apresentadas pelo mano, de que não podia abandonar aquela a quem tinha impellido a deixar a familia, acompanhando-o, sob a falsa promessa de casamento.

Todos nós já sabiamos as preocupações em que vivia esta bondosa senhora, preocupações que datavam do dia em que o irreflectido rapaz raptou a rapariga mais bonita que vivia feliz e adorada, numa aldeiasita, de casas alvejantes, nas proximidades de Espozende.

No entanto, a caridosa D. Anastacia, com fina tatica e inteligencia lucida, resolveu como costuma, sem desaire, o complicado problema e sanou a situação embaraçada do tresloucado moço.

Dotou a noiva com dois mil escudos e, desta vez, foi o chauffeur que, sem hesitar, ofereceu o seu nome e amparou de rolar no abismo, uma alma desiludida, condenada a expiar um tremendo crime d'amor.

Realizado o auspicioso enlace matrimonial a D. Anastacia regressou com a consciencia tranquila por ter praticado uma acção altruista, que põe em relevo as belas qualidades e virtudes que lhe exornam o coração.

Da passagem pelo Porto, levou-me até á nossa adorável Vila, e, antes de ir refugiar-me no Recanto, entrei na casa da minha amiga.

No vestibulo, uma mesa com uma grande salva de prata, desaparecia debaixo duma enorme quantidade de cartas e jornais. A D. Anastacia que estava contente, alegre, ditosa, franziu as espes-

sas sobranceiras e disse:

—As minhas creadas são duma parvoice completa! Depois que levei os semanarios para o Recanto, recomendei a todas que os não recebessem. Você quer ver, Manuela, que temos «Socaios»?!

Enquanto a dona de casa abria as cartas, fui separando os dois incançaveis paladinos do progresso da nossa terra, que ha seis mezes, eram para ali atirados, sucessivamente sem estetica nem arte, dada a ausencia dos patrões.

Entre a correspondencia surgiu um embrulho. Chamei a atenção da D. Anastacia. Respondeu com certo nervosismo, que procurava mascarar de indiferença:

—Pode ler.

Era um livro de versos, com uma encadernação em vermelho, frisos dourados, luxuosa! Para desviar os pensamentos tetricos que opprimiam a minha amiga, disse-lhe:

—Olhe, tem aqui muitas poesias para ler e devem ser sentimentalistas! O livro tem por titulo:

Infância Magua

Dentro, uma dedicatória dirigida á destinatária.

«Querida Anastacia:
Teu escuro olhar,
Que é a doce mênha
Deste meu pensar;
Desce sobre o poeta,
Que por ti suspira,
E a teus pés a lira
Vem depositar.»

Manuel

Ao ler a assinatura a D. Anastacia aqueceu ao rubro, como se os raios dum sol calcinante a abrasassem em pleno deserto, e, com exaltada violencia gritou:

—Este livro é do autor dos «Socaios». Também estão ali tres cartas escritas pelo mesmo! E' uma audacia, uma perseguição, mas prometo lançar fogo a tudo... tudo! Vou fazer Auto de Fé.

Manuela.

Impostos

Durante 30 dias, contados do próximo dia 11, se acha aberto o Cofre da Tesouraria desta Municipalidade para pagamento voluntario dos seguintes impostos: adicionais sobre o juro de capitais mutuados.

Findo aquele prazo e durante as operações preleminares de relaxe (mais 60 dias) podem os contribuintes efectuar os referidos pagamentos acrescidos dos juros de mora.

Vila-Chã, 9.

(Retardada)

Depois de terem passado as ferias do Natal, em companhia de suas familias, seguiram para Braga os seminaristas José Pires Afonso e Valentim Gonçalves Neiva.

—Estão já abertas, neste periodo as Escolas Elementares.

Por todas as terras de Portugal, se veem passar grupos de creanças, contentes, com os livros debaixo do braço, a caminho da Escola, para aí continuarem a receber a educação e instrução.

A nós causa-nos pezar, por não podermos presenciar o mesmo facto nesta freguezia, porquanto as creanças cujo numero em idade escolar deve ser cento e tantas desde Outubro não tem recebido instrução alguma, em virtude da Escola se encontrar encerrada, por falta de professor.

Assim não pode continuar.

Levantamos o nosso humilde brado e chamamos a atenção do Snr. Inspector-Chefe para este caso. Sua Ex.a, que sabemos possuir um coração diamantino, uma inteligencia elucida e uma vontade recta não deixará de nos ouvir e mandar abrir o mais breve possivel a nossa Escola.

—Os lavradores tem aproveitamento estes dias de sol, para ultimarem as sementeiras de aveia e centeio.

—Este ano a colheita de azeitona, aqui foi insignificante. Oliveiras houve que nem uma azeitona tinham para amostra.

—As creanças da Catequese, fizeram a sua festa anual, em honra do Menino Jesus, no dia de Reis. Cantou a missa o nosso amigo snr. P.º Julio, das Marinhas, tomando as creanças, parte na missa e nos demais canticos. Tudo correu bem.

—O nosso amigo snr Severino Fernandes, caçou outrodia, no monte denominado do Facho, uma fuhna. A sua pele foi mandada curtir, ficando interessante. C.

ESTATUTOS

do

SINDICATO AGRIC. APULIENSE

Aprovados em 9-3-1931

Capitulo 2.º

Admissão, demissão e exclusão dos socios.

Art. 5.º—O Sindicato terá tres categorias de socios: benemeritos, fundadores e ordinarios.

§ 1.º—São considerados socios benemeritos os que derem ao Sindicato a quantia de cem escudos.

§ 2.º—São socios fundadores os que subscreverem os presentes estatutos e os agricultores que se inscreverem até trinta dias depois da data do alvará de aprovação deste estatuto.

§ 3.º—São socios ordinarios os que aderirem aos presentes estatutos, importando essa adesão a anuencia a todas as suas disposições e a plena aceitação das obrigações e responsabilidades neles consignados.

§ 4.º—Os socios fundadores são considerados, para todos os efeitos, como socios ordinarios.

Art. 6.º—Para ser admitido socio é preciso ser proposto por dois socios á Direcção, a qual resolverá, havendo, recurso da decisão para a assembleia geral.

Art. 7.º—O pedido de admissão

será escrito e assinado pelo pretendente, se souber escrever, ou lido assinado por outrem, a seu rigo, na presença e com a assinatura de duas testemunhas, se o candidato não souber escrever.

§ Unico.—O pedido de admissão é documento suficiente de confissão, por parte do candidato a socio, que assume a rigorosa obrigação ao cumprimento dos preceitos estatutarios e a esse cumprimento se submete e por ele responderá nas expressas condições da lei e dos estatutos.

(Continua)

Luz electrica

Mais uma vez vimos chamar a atenção para a ausencia de luz, na rua da Nogueira desta vila. A falta de lampada que foi retirada do centro da rua Direita e em frente á embocadura desta rua, prejudica demasiadamente o transito especialmente de noite. Era de alta conveniencia voltar para o seu lugar, aquela lampada que além de ser o seu lugar, faz imensa falta. O publico não pode ser prejudicado.

DE FÃO

JANEIRO, 25

RUA DA CRUZ

Vai ficar interessante esta rua depois concluidas as obras que a actual Junta mandou executar.

LARGO DO CAIS

Não ha direito de continuar assim aquele «velho armazem» que está a ameaçar ruína e que se encontra fora de alinhamento. A quem de direito chamamos a atenção.

A proposito lembramos á nossa Junta a desmoronação de certos patios que desfeiam a nossa terra, bem assim como um grande numero de salinas.

ESTRADA DO MAR

Continuam com grande actividade os trabalhos na estrada que nos ligam com a nossa formosa praia. Tem trabalhado lá para cima de 150 pessoas.

Crêmos, que, depois de concluidas, estas obras agradarão a todos. C.

Expediente

Temos em nosso poder varia colaboração que por absoluta falta de espaço não podemos inserir neste numero, fazendo-o nos seguintes por sua ordem.

Lembramos aos nossos amigos que o *Espozendense* não dispõe de grande espaço, pedindo para que os escritos sejam mais pequenos para assim podermos atender a todos.

CASA — ALUGA-SE

JUNTO Á CAMARA.

O pão nosso . . .

A MISERIA DO PÃO

... Snr. Director de
O Espozendense—Espozende.

Com os maiores protestos de amizade, rogo a V. Sa a sùbida fineza da publicação dessas minhas considerações.

Agradecendo, antecipadamente

Sou de V.ª S.ª o amigo
às ordens.

Um industrial.

E' sempre com satisfação que respondemos a uma creatura que nas suas apreciações nos mostra indícios duma boa educação social. E' por este motivo que eu não deixarei de elogiar a maneira como *Um Consumidor* trãs a publicação umas crónicas sobre o pão. Como este senhor põe ponto final nas suas observações, eu antes de dar por terminado o assunto acho-me com jús á análise do seu último artigo.

Concorda — *Um Consumidor* comnosco, dizendo-nos que em Espozende há bom pão, e que publicamente não especifica aqueles que não o manipulam escrupulosamente.

Nesse caso o *Snr. Consumidor* teria feito um bom serviço, indo procurar o bom pão e deixando o mal manipulado; no momento em que o manipulador inquirisse sobre o abandono do seu pão, *Um Consumidor* responder-lhe-ia com o argumento que o trouxe até ao campo da imprensa. Seria este o caminho a seguir uma vez que em Espozende há pão bem manipulado. Vê, pois, que a sua argumentação é cal pela base visto que comigo concordou, —dizendo-me que em Espozende nem todo o pão é péssimo.

Como *Um Consumidor* não me promete apreender o pão, uma consideração me sugere neste ponto. Diz-me *Um Consumidor* que é pertença do Delegado de Saúde tal serviço.

E porque motivo não dirigin as suas considerações a essa autoridade?

Seria bem melhor dirigin as suas queixas á instancia respectiva, a qual mandaria fiscalizar o assunto por qualquer agente — uma vez que o Delegado de Saúde não é *poticia* algum como deve concordar.

Tambem neste ponto o caro *Consumidor* foi um pouco infeliz.

Entremos agora na análise da parte em que o *nosso caro amigo* se refere ás farinhas e ao *bom coração dos manipuladores*.

Muitos e muitos casos lhe posso citar para bem lhe refutar os seus argumentos.

Creia que *Um industrial* na verdadeira acepção da palavra, e *Um manipulador* escrupuloso tem muitas vezes melhor coração que muitos dos *caros consumidores*.

Embora de acordo comnosco nas marcas, diz-nos que não é bem como nós dizemos. Volta a repetir a *Um Consumidor* o seguinte:—Porque é que um trigo da mesma localidade e da mesma propriedade apresenta um P. E. diferente? E com respeito

às farinhas, já que *Um Consumidor* duvida do *nos o bom coração* em vou mostrar-lhe o que no grande diário lisboeta—A VOZ—diz o engenheiro e mestre snr. Neves da Costa—da U. I. L. sobre os moageiros.

São dela estas palavras:—

Porque motivo se diz ao agricultor affito, apertado pela necessidade de ver pela porta fora o seu trigo:—há ainda tantos milhõs de trigo em deposito na moagem;—e se não diz:—em tal fabrica há tantos quilos de trigo por moer. Respon-tamos e respondamos já.

Dá-se o algarismo global, porque o algarismo parçela equivaleria a levantar a ponta do veu de tudo o que o manto encobre.

Querem mais clareza?

Pois exemplifiquemo-nos mais. Dá-se o algarismo global, porque assim ninguém sabe que enquanto há molinos que tudo moeram e es:oaram há outros que ainda conservam grandes quantidades de trigo. Desta maneira ninguém que não esteja dentro da profissão, sabe que enquanto uns teem de perder o seu comercio e dizer aos seus fregueses —Não temos—; outros vão parasitando á custa das habilidadezinhas feitas por detrás do manto da mulher de Putifar.

E logo a seguir:—*Quem são os parasitas; quem vive não só da sua posição economica e comercial, mas numa situação obtida, á custa de não se sabe que manobras?!?*

E digo eu Snr. Consumidor:—*Quem tem bons flgados e bom coração?!*

Noutro numero desse mesmo diário diz o caro e competente engenheiro:—*Nesta divisão do bolo nacional—que neste caso presente era o—pãozinho de cada dia—dividiram os neo-judeus da moagem o país num certo numero de zonas com o fim dos ordenados chorudos.*

O povo não conhece os escaninhos dos moageiros, destes sugadores do suor nacional. Se fosse possível estabelecer o regimem de liberdade de comercio ver-se-ia o catclismo que surgiria logo.

Os artificios financeiros, os malabarismas comerciais, as velhacarias seriam postas a nú no meio do, desmorronar desse monstro de pés de burro e coração de vibora.

Volto a repetir:—*Snr. Consumidor quem tem bom coração?*

E num outro jornal leio o seguinte:—

Até se lhes arregalam os olhos e ouriçam os cabelos — tal é o contentamento e o regosijo que lhes vai na alma, todas as vezes que podem fazer o gostinho ao dèdo.

Um roubosinho a preceito bem combinado e que renda uns (pataquitos), lá para a rapaziada, é muito mais apreciado, e muito mais festejado do que um bom petisco comido nas hortas, em quinta-feira de espiga...

E mais ainda. Veja e medite Snr. Consumidor—cada saca deve conter 75 quilos de farinha para 100 de pão. Pois chega-se a roubar dois a três quilos de farinha em cada saca e ainda as 700 grammas da tara desta. E o peso, como se consegue? Molha-se a farinha para que encharcada dê o peso exigido e assim se ludibrie o manipulador.

Volto a perguntar: Quem tem

bom coração e bons flgados Snr. Consumidor?

Mais casos por lerla apresentar porfiria de campo é imenso.

Contudo para abreviarmos passemos á frente e continuemos a analisar com a maior consideração o seu artigosinho.

Diz-me também *Um Consumidor* que em parte eu não defendo mas apresento uma reunião de figuras de retórica.

Neste ponto, desculpe a expressão—(Ora bolas!!!). O meu amigo cai em *contradição* visto no começo da sua crónica achar justa a maneira de refutar.

Com respeito ás figuras de retorica a que alude, tenho a dizer-lhe que não é bem o que o meu amigo diz, pois não há ali figuras de retorica, mas sim, (se me dá licença) uma liçãozinha de tecnica bem aplicada.

Assim está bem, não está?

Fala tambem *Um Consumidor* na côr do pão e diz-me que nas cidades e vilas vizinhas o pão é branco e bom.

Ora... Ora... snr. Consumidor, porque motivo a imprensa da capital se referia há dias á côr e gosto do pão lá existente? Conheço o pão da cidade e não o encontro nenhuma maravilha.

Contudo há-de concordar que —com os olhos da nossa paixão a cisne é negro, e com os olhos do bemquerer o corvo é branco. Percebeu! E' isto, não é?

A resposta não ficou como vê no tinteiro, pois tanto a farinha, que compro escrupulosamente, como a levedura são dos materiais especificados por lei. Da minha parte, creia que á sociedade não apresento *mal pão* mas sim o que a lei exige e a minha consciencia ordena.

Achei graça á sua historia do alfaiate.

Tem mesmo graça. Poderá tambem ser aplicada a muitos consumidores—que por tudo e por nada repontam sempre.

Para terminar e terminarmos assim com a questão, que certamente algum bem há-de trazer á sociedade, eu tenho a pedir des culpa a *Um consumidor* dum certo numero de reputações que certamente não lhe agradarão. Contudo paciencia, e como *Um consumidor* é já velho nestas questões de pão, sem que até á data tenha sido refutadas, tenho-lhe a dizer que é preciso lembrar-lhe a fábula —*Aesopus et petulaus*—*Succensus ad perniciem multos devocat.*

Snr. Consumidor os seus artigos escritos há muito que precisavam de reputação, e ela, surgiu agora,—tarde, talvez,—mas veio.

Pedindo-lhe mais uma vez desculpa desta mássada creia-me sempre ás ordens.

Espozende, 1935.

Um Industrial de Padaria

Santo Amaro

No domingo realisou-se com uma enorme concorrencia de forasteiros a primeira romaria do ano neste concelho.

Vão alterar-se as datas da Páscoa, Pentecostes e Natal?

Assim se diz: A Liga Internacional defende as vantagens do sistema gregoriano, considerando-o o mais proveitoso

Esclarece mais, que a Igreja Católica não tem a seu cargo a compilação e regularização do Calendário Gregoriano.

A Santa Sé apenas regula a data de domingo de Páscoa que obedece ás variações da lua.

Acrescenta a nota, que em breve se fixarão as chamadas Festas Moveis:—A Páscoa será sempre no dia 9 de Abril, o domingo de Pentecostes a 28 de Maio, e o dia de Natal cairá sempre a uma segunda-feira.

Esperemos que esta informação se confirme ou não.

Pensão

No proximo dia 1 de Fevereiro abre na rua 15 de Agosto, desta vila, em casa própria, uma pensão dirigida pela Ex.ma Snr.ª D. Prazeres Leitão e seu marido, uma lacuna que longo tempo se achava aberta.

Esta nova casa terá pessoal habilitado com a competência que os directores tem, pois no mesmo genero já tiveram pensões muito afreguezadas no Porto, Caldelas, etc., cuja reputação de bem servir a sua clientela sempre logrou a melhor fama.

E nesta persuasão estamos convencidos que a abertura da sua pensão há-de lograr a melhor aceitação por parte de todos.

Ao nosso velho amigo sr. Leitão e sua ex.ma esposa desde já lhe auguramos um longo futuro e muitas prosperidades.

Vinho americano

O Sindicato Agricola Apuliense enviou no dia 23 do corrente ao Snr. Ministro da Agricultura o seguinte telegrama:

Agricultores Concelho de Espozende devido as condições clima litoral da Zona Maritima como já representaram a V. Ex.cia, não podem produzir outro vinho senão o Americano. Pede respeitosa-mente a V. Ex.cia serem excluidas prohibição consentindo cultivo para gastos de suas casas agricolas numa Zona do Litoral demarcado por tecnicos.

O Presidente do Sindicato Agricola Apuliense, Costa.

Edital

Declaração sobre os prédios urbanos arrendados

Mário Taborda Simão, Secretario de Finanças do concelho de Espozende:

Faz saber que, nos termos do artigo 39 das instruções regulamentares aprovadas por decreto n.º 9040 de 9 de Agosto de 1923, todos os proprietários, usufrutuários, ou possuidores por qualquer titulo de prédios urbanos arrendados são obrigados a apresentar na Repartição de Finanças deste coecelho, até 30 de janeiro do proximo ano, uma relação dos nomes dos inquilinos e importancia das rendas pagas anualmente acompanhadas dos respectivos contratos de arrendamento

A falta desta declaração é punida com a multa de 601,00.

Para constar, passei este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Repartição de Finanças do concelho de Espozende, 26 de Dezembro de 1934.

O Secretario de Finanças,

Mário Taborda Simão.

POSTAES ILUSTRADOS
A esta Tipografia
acabam de chegar no-
vas coleções de postais.

Pilot RADIO
DE TODOS O MELHOR
Porquê?

Recebe maior numero de estações. Tem melhor sonoridade. O material «PILOT» é conhecido pelos grandes amadores da T. S. F. como do melhor que se fabrica.

E' a marca que vem sendo preferida pelo Corpo Diplomático, Ministros, Officiais do Exército e Marinha, Magistratura Alto Comércio e Industria.

E' uma marca com 25 anos de existencia e outros tantos anos de aturadas experiências.

SEJA PRUDENTE
Não compre telefonia sem ouvir «PILOT»

Modelos para 1.200\$00—
 1.650\$00 — 1.950\$00 —
 2.050\$00 — 2.650\$00 —
 2.800\$00 — 3.900\$00 —
 3.950\$00 e 5.950\$00

Agente:

JJSE OLIMPIO BARBEIROS
RUA DES. FRANCISCO, 43
BARCELOS

TIPOGRAFIA

Impressos em todos os generos tais como: Facturas de todos os formatos, memoranduns, papeis timbrados, envelopes, postais, participações de casamento, tabelas, circulares, relatorios, estatutos, menús, programas, réclames, rótulos, impressos judiciais, execuções fiscaes, juntas de freguesia e todos os trabalhos que digam respeito á arte tipografica.

IMPRI EM-SE LIVROS E JORNAIS

BILHETES DE VISITA EM EXCELENTE CARTÃO.

TIPOGRAFIA

LIVRARIA E

PAPELARIA

ESPOZENDENSE

ESPOZENDE

PAPELARIA

N'esta secção encontra-se grande e variado sortido de diferentes papeis, desde o mais luxuoso ao mais simples

Ernani, Débora Marquita, Flor de Lótus, Olimpia, etc.

Envelopes formato commercial, Inglez e Alemão.

Grande sortido em cartões de visita, tanto em branco como de luto

Magnificos papeis para impressão, em branco, Rosan, afixe, etc.

ESTA acreditada Tipografia fundada em 1886, está apta a executar todos os trabalhos tipograficos com a maxima perfeição e rapidez, já pelo material que possui e pelo adquado, já pelo pessoal habilitado conhecedor da arte.

Assim, pode fornecer todas e quaisquer encomendas para todos os pontos do Paiz.

Todos os pedidos, feitos a esta casa, serão enviados na volta do correio, bastando só virem acompanhados dos modelos e com o seguinte endereço:

Tipogratia Espozendense

Rua 1.º de Dezembro, 7 a 9

— E S P O Z E N D E —